

A Contribuição da Imprensa Periódica para a Pesquisa em História da Educação

The Contribution of the Periodic Press to Research in the History of Education

Luci Cleide Pereira¹
Sauloéber Tarsio de Souza²
Camila de Cássia Ferreira³

96

Resumo: Este artigo tem por objetivo geral ressaltar e validar a imprensa como fonte de contribuição para as pesquisas em História da Educação, tendo como objetivos específicos refletir brevemente sobre a trajetória da imprensa no Brasil, bem como a importância dos jornais no contexto da pesquisa acadêmica no campo educacional, apoiando-se em análises que combinam métodos qualitativos e quantitativos. Partimos da questão problema: por que os jornais como veiculadores de informações genéricas podem ser considerados fontes confiáveis na construção da investigação histórica? A metodologia utilizada é a técnica da revisão bibliográfica, apoiando-nos em autores como Campos (2012), Pasquini & Toledo (2014) e Zanlorenzi (2012), que apresentaram em seus estudos reflexões sobre o desenvolvimento da imprensa no Brasil, especialmente a partir da chegada da família real portuguesa em 1808, bem como a indicação em suas conclusões de que os jornais enquanto fonte da pesquisa histórica alcançaram grande relevância no mundo científico e, em consequência no campo da História da Educação, nas últimas três décadas. Isso considerando-se que a imprensa é expressão de diferentes aspectos que são decisivos para a compreensão dos debates realizados no calor dos acontecimentos passados, da articulação política e social, revelando elementos que muitas vezes são desconhecidos contribuindo para a montagem do quebra-cabeças de determinado evento histórico.

¹ Graduada em Direito e Pedagogia, Mestrado Profissional em Educação: Formação Docente para a Educação Básica Pela Universidade de Uberaba e Doutoranda em Historiografia da Educação pela UFU/MG - FAGED – PPGED. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4468-1226>. E-mail: luci.pereira@ufu.br

² Graduado e Mestre em História (UNESP-Franca), Doutor em Educação (UNICAMP) e Estágio Pós-doutoral em História (UNIFESP). Professor do Instituto de História e dos Programas de Pós-Graduação em Educação e do ProfHistória (UFU). Membro do NEPHE (Núcleo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação), da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) e da ANPUH-Minas Gerais. Coordenador do NEPFE-ICHPO (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Fundamentos da Educação) e da DIPAE-PROAE (Divisão de Promoção de Igualdades e Apoio Educacional). <https://orcid.org/0000-0002-9797-341X>. E-mail: sauloeber@gmail.com

³ Graduada em Pedagogia (UFU), Professora da Rede Pública da Prefeitura Municipal de Uberlândia-MG. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-2744-3852>. E-mail: camiladecassiaferreira@gmail.com

Recebido em: 31/07/2024

Aprovado em: 28/08/2024

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



Palavras-chave: História da Educação. Imprensa. Fontes.

Abstract: This article has the general objective of highlighting and validating the press as a source of contribution to research in History of Education, with the specific objectives of briefly reflecting on the trajectory of the press in Brazil, as well as the importance of newspapers in the context of academic research in the field. educational, relying on analyzes that combine qualitative and quantitative methods. We start with the problem question: why can newspapers as carriers of generic information be considered reliable sources in the construction of historical research? The methodology used is the bibliographic review technique, based on authors such as Campos (2012), Pasquini & Toledo (2014) and Zanlorenzi (2012), who presented in their studies reflections on the development of the press in Brazil, especially from of the arrival of the Portuguese royal family in 1808, as well as the indication in its conclusions that newspapers as a source of historical research have achieved great relevance in the scientific world and, consequently, in the field of History of Education, in the last three decades. This is considering that the press is an expression of different aspects that are decisive for understanding the debates held in the heat of past events, political and social articulation, revealing elements that are often unknown, contributing to putting together the puzzle of a given historical event.

Keywords: History of Education. Press. Source.

1 Introdução

É notória a diversidade de temas que envolvem a pesquisa acadêmica no campo da História da Educação e as escolhas que conduzem ao pensamento crítico o pesquisador, entre esses passos, está o importante processo de escolha das fontes no processo da investigação, que definirá o sucesso ou as limitações para qualquer a análise historiográfica. Embora, possamos enumerar, em uma pesquisa, as diferentes fontes exploradas, como artigos, revistas, grupos escolares, legislações educacionais municipais, estaduais, atas, dentre outras, a imprensa é eleita como fonte para a breve reflexão proposta neste trabalho. Concordando com Zanlorenzi (2012, p.61): “(...) na história da educação, o uso da imprensa como fonte e objeto de pesquisa vem consolidando-se de maneira crescente, principalmente o que diz respeito à produção da imprensa voltada para as questões educacionais, ou seja, os periódicos educacionais.”

Ao utilizar as matérias da imprensa jornalística, no que se refere a instrução pública ou a educação, de acordo com a época pesquisada, deve-se considerar as ações, os atores, as legislações e os espaços constituídos como educativos, para então, compreender as motivações que originaram o evento publicado e sua efetiva colaboração para a pesquisa educacional. Neste contexto, objetivo geral é ressaltar e validar a imprensa como fonte de contribuição para as pesquisas em História da Educação, tendo como objetivos específicos refletir brevemente sobre

a trajetória da imprensa no Brasil, bem como a importância dos jornais no contexto da pesquisa acadêmica no campo educacional, apoiando-se em análises que combinam métodos qualitativos e quantitativos. Partimos da questão problema: por que os jornais como veiculadores de informações genéricas podem ser considerados fontes confiáveis na construção da investigação histórica?

A metodologia utilizada é a técnica da revisão bibliográfica, apoiando-nos nos autores Campos (2012), Pasquini & Toledo (2014) e Zanlorenzi (2012), que apresentaram em seus estudos reflexões sobre o desenvolvimento da imprensa no Brasil, especialmente a partir da chegada da família real portuguesa em 1808, bem como a indicação em suas conclusões de que os jornais enquanto fonte da pesquisa histórica alcançaram grande relevância no mundo científico e, em consequência, no campo da História da Educação, nas últimas três décadas.

Isso se considerando que a imprensa é expressão de diferentes aspectos que são decisivos para a compreensão dos debates realizados no calor dos acontecimentos passados, da articulação política e social, revelando elementos que muitas vezes são desconhecidos contribuindo para a montagem do quebra-cabeças de determinado evento histórico. Dessa maneira, esse texto está organizado em duas partes, sendo que a primeira trata brevemente do histórico da imprensa no Brasil e a segunda os jornais como fonte para a pesquisa histórico-educativa.

2 A Imprensa chega ao Brasil

É amplamente estudado que a imprensa escrita se desenvolveu no Brasil, a partir da chegada da família real portuguesa, no ano de 1808, até então, toda e qualquer atividade de imprensa era proibida na América Portuguesa, uma exceção à época já que nas demais colônias do Continente Americano a imprensa se fazia presente desde o século XVI. Essa proibição no Brasil foi marcada inclusive pela destruição de máquinas tipográficas, sendo justificada pelo fato de que o papel desempenhado pela imprensa seria doutrinário, capaz de influenciar a opinião pública, ou seja, por meio de propaganda ideológica provocar mobilização da população que poderia ser contrária aos interesses da nobreza portuguesa. Mas isso mudaria a partir das incursões napoleônicas pela Europa, o que fez com que a coroa portuguesa se movimentasse e debandasse para sua colônia americana, assim, dentre tantas outras coisas,

A família real trouxe na bagagem um maquinário para impressão (até então inexistente no país), que foi comprado para a Secretaria de Estrangeiros e da Guerra, e instalado nos baixos da residência do futuro conde da Barca. A realeza portuguesa abria caminho para o início da imprensa brasileira, que foi eficiente tanto na propagação do pensamento conservador quanto das ideias inovadoras no campo intelectual. A Imprensa Régia estabelecida pela corte tinha a função de gerenciar e examinar todo material que se mandasse publicar e fiscalizar para que não se imprimisse nenhum livro ou panfleto que manifestasse ideias contrárias a religião, ao governo e aos bons costumes. Nenhum material poderia ser impresso sem o exame dos censores reais, era a censura à imprensa (PASQUINI; TOLEDO, 2014, p.259).

Com o fim das proibições o *Jornal Gazeta do Rio de Janeiro* foi o primeiro periódico impresso que circulou no dia 10 de setembro de 1808, contendo textos extraídos do *Jornal Gazeta de Lisboa* ou de jornais ingleses, sendo o único jornal a circular na principal cidade do país durante o período entre 1808 e 1821, impresso em papel pobre, preocupado em reproduzir as notícias da Europa em 04 páginas, com periodicidade semanal (PASQUINI; TOLEDO, 2014). Ainda de acordo com esses autores:

O conteúdo da Gazeta do Rio de Janeiro estava restrito a informações sobre os príncipes da Europa, tais como seus estados de saúde e natalícios, trazia, também, alguns documentos de ofícios que ilustravam as páginas do periódico, cujo principal objetivo era o de agradar à Coroa. A partir das informações contidas no único periódico do Brasil, poderia ser afirmado que havia um ambiente harmonioso, sem conflitos de classe, uma vez que os embates sociais na luta pela democracia permaneciam longe das páginas do jornal (PASQUINI; TOLEDO, 2014, p.260).

A alternativa a *Gazeta do Rio de Janeiro* seria o *Jornal Correio Brasiliense*, que era publicado em Londres por Hipólito José da Costa Furtado de Mendonça, chegando clandestinamente às terras da América Portuguesa, tinha em seu conteúdo textos que operavam críticas a Coroa Portuguesa, fomentando os movimentos de independência do Brasil. O seu editor Hipólito era exilado na Inglaterra desde o final de 1805, fugindo da perseguição da inquisição que se estabelecera no país, fundou o seu jornal publicando o primeiro número em 1º de junho de 1808, expressando amplas articulações políticas, assumindo-se declaradamente como formador de opinião, buscando doutrinação com predominância da moral e da ética e não restrito ao papel informativo, não possuindo nenhuma finalidade revolucionária, mas sim, princípios dos ideais liberais europeus (PASQUINI; TOLEDO, 2014).

No seu entendimento, o Brasil só atingiria pleno desenvolvimento quando as forças de trabalho passassem a ser as mesmas executadas nas nações onde o sistema capitalista se consolidara. Dessa maneira, pode-se afirmar que as ideias de Hipólito da Costa defendiam os interesses da dominante, mesmo ao propor o fim da escravidão o fazia com base nas exigências da produção e nos pactos com as nações burguesas. O papel histórico exercido na imprensa brasileira pelo Correio Brasiliense apresenta

inúmeras controvérsias, se por um lado alguns historiadores afirmam que o mesmo se constitui em um marco da imprensa nacional, pelo seu conteúdo, qualidade e pertinência dos assuntos apresentados, do outro lado pesquisadores utilizam o argumento de que o fato de ser o jornal escrito, editado e impresso fora do país o mesmo já não refletia as reais condições e anseios da sociedade brasileira (PASQUINI; TOLEDO, 2014, p.260).

O Jornal Correio Brasiliense encerrou suas atividades no ano da Independência, portanto, após conquistar seu maior objetivo não sendo coincidência o seu desaparecimento naquele ano histórico para o Brasil, perdendo a sua “razão de existir, por isso mesmo”. (SODRÉ, 1966, p. 33). Esse período de desenvolvimento da imprensa periódica no Brasil, é conhecido como fase artesanal, de 1808 até a independência de Portugal, e só é possível de o compreender se considerarmos as condições políticas, sociais e econômicas da época. O processo de independência e separação entre Brasil e Portugal foi gradativo e progressivo, envolvendo mudanças políticas e econômicas profundas e determinadas por inúmeros fatores nacionais e internacionais. Dessa maneira, a mudança na imprensa brasileira expressou tal efervescência causada pelo processo de independência, sofrendo impactos importantes já que era instrumento que fomentava interesses antagônicos.

A partir de então, a imprensa passaria por aceleradas modificações, em especial na segunda metade do século XIX, ainda no contexto imperial:

Encerrada a fase artesanal da imprensa, ocorrida em razão das inovações técnicas decorrentes da segunda metade do século XIX, o jornal passa a se caracterizar como pequenas empresas. No período denominado Império a imprensa recebeu, como em qualquer outro momento histórico, os reflexos das condições sociais postas. Com o avanço territorial do café, a exploração do trabalho escravo, o predomínio da Corte tornou-se mais coesa e fez surgir então, novos líderes políticos provenientes não mais das distantes áreas açucareiras, nem mesmo das zonas de mineração, mas da província do Rio de Janeiro, principal região produtora de café, emergia uma nova estrutura social. (PASQUINI; TOLEDO, 2014, p.261).

Como pudemos observar acima, a análise de qualquer informação veiculada pela imprensa só pode ser compreendida a partir do contexto histórico que a compreende, considerando-se os aspectos políticos, sociais e econômicos de determinada época. É a partir dessa perspectiva que a imprensa foi pouco a pouco se consolidando como fonte histórica relevante para a história em geral, e para a pesquisa histórico-educativa em específico.

3 A Imprensa como Fonte para a Pesquisa Histórico-educativa

Ao longo da primeira metade do século XX, os jornais tiveram seu potencial educativo maximizado por intelectuais de diferentes espectros políticos, atuando para a consolidação da imprensa periódica em ferramenta de expressivo alcance social. Campos (2012) menciona a atuação de Fernando de Azevedo⁴ que foi um influente redator do *Jornal O Estado de São Paulo* e partícipe do movimento em defesa da educação pública, laica, gratuita e de total responsabilidade do Estado, conhecido como Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932.⁵ Ainda de acordo com a autora, nesse momento, muitos intelectuais:

[...] partilhavam de um ideal comum: a crença de que os jornais eram extraordinários veículos educativos da população brasileira. Partilhavam também de um estilo de escrita convocatório que se manifestava na tentativa de persuasão dos leitores em relação ao reconhecimento da importância vital dos jornais no processo civilizador que tentavam pôr em curso, cada qual à sua maneira, dentro e fora das escolas (CAMPOS, 2012, p.50).

Visto que, estes veículos de informação oferecem uma variedade de contribuições para o estudo do processo educacional, porque permitem a contextualização e pertinência dos assuntos relatados, colaboram com a diversidade de perspectivas por apresentarem diferentes pontos de vista e análises das questões complexas de maneira mais abrangente, além de ser um formador de opiniões. De acordo com Pasquini & Toledo (2014, p.265):

Cabe salientar que diante da multiplicidade de pesquisas realizadas no campo educacional, destaca-se a utilização da imprensa – não necessariamente a pedagógica – como importante fonte e objeto da pesquisa histórico-educacional. Esse tipo de pesquisa contribui, tanto para a análise específica da realidade e um determinado momento histórico, quanto para a utilização de objetos de pesquisa, aparentemente desvinculados da educação, que se constituem em diferentes fontes de informação.

⁴ Fernando de Azevedo (1894-1974) foi um educador, professor, administrador, ensaísta e sociólogo brasileiro, expoente do movimento da Escola Nova. Participou intensamente do processo de formação da universidade brasileira, em busca de uma educação de qualidade, nasceu em São Gonçalo do Sapucaí, Minas Gerais, no dia 2 de abril de 1894, estudou letras clássicas, língua e literatura grega e latina e também poética e retórica. Depois de renunciar a vida religiosa formou-se em direito pela Faculdade de Direito de São Paulo e dedicou-se ao magistério. Disponível em: https://www.ebiografia.com/fernando_de_azevedo/

⁵ O "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova", [1] datado de 1932, foi escrito durante o governo de Getúlio Vargas e consolidava a visão de um segmento da elite intelectual, Redigido por Fernando de Azevedo, dentre 26 intelectuais, entre os quais Roldão Lopes de Barros, Anísio Teixeira, Afrânio Peixoto, Lourenço Filho, Antônio F. Almeida Junior ", [2] Roquette Pinto, Delgado de Carvalho, Hermes Lima e Cecília Meireles. O documento tornou-se o marco inaugural do projeto de renovação educacional do país. Além de constatar a desorganização do aparelho escolar, propunha que o Estado organizasse um plano geral de educação e defendia a bandeira de uma escola única, pública, laica, obrigatória e gratuita. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_dos_Pioneiros_da_Educa%C3%A7%C3%A3o_Nova

Para estes autores, os jornais se tornaram dispositivos de competência instrutiva na área de pesquisa e aprendizagens, podendo ser utilizados de maneira eficaz na construção e análises da História da Educação apontando ações, reflexos e metodologias pedagógicas empregadas nos diferentes espaços de instrução no decorrer do tempo, compondo o amplo conjunto de fontes nos estudos educacionais.

Os jornais tem registros complexos da realidade social, combinando, segundo Campos (2012), moda, modernidade, reivindicações, cobranças, denúncias de responsabilidade penal, civil, político partidária, sociais dos diferentes contextos, brasileiro ou de outras nações, abrangendo grande diversidade de assuntos. Além de circular em amplos espaços, domésticos ou públicos, em razão da sua facilidade de inserção e abrangência, captação das massas, aquisição e acesso, o que contribuiu significativamente para a compreensão da história em geral e também da História da Educação em específico. Corroborando com essa percepção:

Discutir sobre a educação, principalmente a ideologia que influenciava os discursos referentes a essa, é uma forma de vislumbrar os interesses que permeavam e ainda permeiam a educação do povo. Assim, pesquisar, discutir e refletir sobre os métodos, as teorias, os fundamentos, as políticas da educação e seu caminho histórico, é uma forma de conhecer as concepções de mundo, homem, história e sociedade e ampliar os conhecimentos para além do aparente, verificando assim as contradições (ZANLORENZI, 2010, p.61)

A autora acima, convida-nos a aprofundar a discussão sobre os jornais como fontes importantes no estudo da História da Educação, considerando, o cruzamento de elementos geridos pela intercalação de diferentes gêneros discursivos, validando-os como objeto cultural de consumo, comunicando ideias, valores, fatores políticos e econômicos de acesso significativo e na utilização de recursos educacionais diversos.

A influência que os jornais exerciam sobre todas as pessoas que os utilizavam, e em especial, os intelectuais que cobiçavam o prestígio de uma cadeira cativa no cargo de editores de jornais. Esse espaço ambicionado e socialmente respeitado, tornou-se uma excelente oportunidade de rendimentos, alterando suas expectativas enquanto possuidores de recursos, capacidade de influenciar a opinião pública, suggestionando mudança sociais mais amplas, mas também no sistema educacional. A especialização gradativa do ofício de jornalista levou a multiplicação das atividades, surgindo literatos célebres, modernos, assalariados, anatolianos ou polígrafos (CAMPOS, 2012). Assim,

Desde sua origem a imprensa brasileira tem colaborado para o delineamento de um fecundo painel dos fatos e acontecimentos da história nacional, pois trazem impressos

os discursos e procedimentos dos indivíduos envolvidos na construção da nação brasileira e que, notadamente, fizeram aflorar os interesses dos diversos grupos sociais em batalha pelo comando do poder político e econômico da sociedade brasileira (PASQUINI; TOLEDO, 2014, p.266).

Dessa forma, os jornais alcançaram reconhecimento nacional, com expressivo poder de articulação com universo amplo e diversificado de leitores, interferindo intencionalmente na opinião pública, nos cursos políticos e econômicos, denunciando abusos, exigindo direitos e deveres do Estado.

Dentre as reivindicações estavam a defesa da escola e da profissão docente, de estudos para reorganizar políticas públicas educacionais no âmbito do campo educativo, a observação das ações de outros grupos sociais, suas reivindicações, perspectivas, questões teórico-metodológicas e consolidação de outras formas de atuações, tendo como base os jornais para publicação, expansão das informações, provocar as autoridades e ansiar mudanças no sistema público do país.

A imprensa adquire importância como fonte historiográfica e em muito contribui para se historiar as relações políticas expressas no pensamento educacional. No âmbito filosófico-epistemológico, a imprensa se faz num espaço privilegiado de disputa pela hegemonia nas sociedades ocidentais, mesmo porque o conhecimento é um dos ambientes onde se travam as disputas pela direção e dominação da formação econômica e social, tornando-se um instrumento de força material utilizada pelos que desejam a consolidação social (PASQUINI; TOLEDO, 2014, p.266).

Logo, os jornais serviram também como ferramenta para e exposição de questões de expressividade, utopias, conhecimentos e de propagação do ensino nos inúmeros e conhecidos espaços sociais, permitindo compreender a combinação entre o espaço jornalístico de confrontos e enfrentamentos, onde ocorrem as disputas de poder e emitem opiniões sem neutralidade (CAMPOS, 2012).

Embora, esta ferramenta possa ter reconhecimento de sua contribuição para a História da Educação, as revistas se sobrepuseram a estes por serem fontes muito especializadas na temática educacional, tendo em vista, utilizar-se de metodologias e temas que asseguram os diferentes agentes inseridos no sistema educacional e suas participações com ideias, métodos, legislações, redações mais elaboradas. Corrobora com esta ideia Zanlorenzi, (2010, p.61) onde “a relevância dos jornais e revistas, como fonte de pesquisa, relaciona-se com sua especificidade como veículo de circulação de ideias que representavam e ainda podem representar um determinado interesse, sendo este dependente do meio de vida dos homens”. E ainda:

Tanto na periodicidade dos jornais, normalmente diária e, dependendo do período histórico, com uma assiduidade matutina e vespertina, quanto em relação ao seu acabamento, os jornais são irremediavelmente erigidos sob o signo do atropelo cotidiano, enquanto as revistas são geralmente mais refinadas, a começar pelo enfeixamento das folhas em torno de uma capa, passando pela diagramação e qualidade do papel utilizado, pelas cores e artes gráficas em geral empregadas no seu fabrico (CAMPOS, 2012, p.57).

Os textos jornalísticos objetivam a interação entre a informação e a opinião construída a partir de esforços coletivos diários, divisão do trabalho com hierarquia de notícias, desafio em dar seguimento ou completude das narrativas importantes, produzindo novas demandas das informações, com fontes pragmáticas transmitindo a sua própria personalidade e autoria.

Muito embora os jornais sejam fontes riquíssimas para a História da Educação, as revistas ainda são mais utilizadas nesse campo científico, Campos (2012), menciona pesquisadores da área como Denice Barbara Catani, Maria Helena Câmara Bastos, Marta Carvalho, Carlos Monarcha que utilizaram esta fonte impressa em suas pesquisas acadêmicas, apoiando-se no suporte teórico-metodológico de Roger Chartier. Trouxe dados de uma pesquisa em porcentagem de Catani e Faria Filho (2005), sobre o levantamento das fontes utilizadas nos GTs da ANPED entre 1985 e 2000, que tiveram a totalidade de 15,3% para revistas e 8,9% para jornais, integrando, portanto, dados que mostram a diferença entre estas fontes e refletem diretamente suas peculiaridades nas pesquisas em História da Educação. Este fenômeno teria se dado por conta de que as revistas teriam produção em papel de maior qualidade, periodicidade de circulação semanal, mensal ou semestral, com abordagens metodológicas especializadas que estimularam pesquisadores do campo a adotarem estas como fontes privilegiadas para os estudos histórico-educativos. Já os jornais, eram trabalhados de forma matutina ou vespertina, no ímpeto do evento, sem tempo de adoção de critérios rígidos na abordagem dos fatos de suas publicações:

Os jornais, as revistas, atas, fotos, livros pontos, entre outras fontes, são alvo de olhares mais atentos daqueles que se dedicam a pesquisar a história da educação brasileira. Aproveitam da riqueza desse material para analisar o contexto educacional e as relações envolvidas nesse processo. Mais especificamente, o uso da imprensa – e nessa a utilização de periódicos impressos como revistas e jornais - longe das manifestações historiográficas pautadas na linearidade, no controle rígido dos escritos dos documentos e na fragmentação de posicionamentos, possibilita ultrapassar os limites da pesquisa em História que privilegiam questões em detrimento de outras, ampliando assim os horizontes do conceito de fonte (ZANLORENZI, 2010, p.64-65).

Assim, em vista da contribuição dos impressos, seja nos diferentes modos e

disposições são fagulhas que merecem, por parte dos pesquisadores, um olhar expressivo, questionador e moderador para se construir com observações as circunstâncias pedagógicas, respeitando seu espaço temporal, a realidade social e as legislações vigentes, produzindo elementos que colaborem com a História da Educação.

É preciso considerar as mudanças das características dos jornais ao longo do processo histórico, esclarecendo que os jornais do século XIX eram identificados como gazetas e pasquins, por serem produtos de um ou mais idealizadores, que usufruíam do seu alcance, como dispositivo de persuasão, impasse ou fomento político. Já, durante o século XX, muitos jornais passaram por modificações convertendo-se em empresas jornalísticas e capitalistas internacionais (PASQUINI & TOLEDO, 2014).

As fontes históricas impressas, devem ser questionadas com maior rigor, questionando-se a confiabilidade dos jornais, as notícias publicizadas diária e emergencialmente ou promovidas por eles com pouca investigação, no furor do ocorrido, tendo em vista, seu caráter persuasivo que acaba por determinar o comportamento ou dar visibilidade aos grupos socialmente constituídos e agrupados em torno deles, conforme as circunstâncias de interesse.

Precisamos captar o que está incluso nas entrelinhas, durante a publicação de notícias, novidades, propagandas que enfatizam eventos e conceitos como o de modernidade, o que usar ou adquirir para se alcançar determinado padrão respeitável, camuflando a ideia de realidade possível. Valores e princípios são reconfigurados para posicionamentos por vezes opostos, possivelmente questionáveis, mas perfeitamente aceitáveis pelos condutores de notícias, uma vez que, necessitam oferecer páginas e páginas preenchidas (CAMPOS, 2012).

Neste cenário, para utilizar-se de jornais, de diferentes épocas como fonte de uma pesquisa histórica, requer censo crítico apurado, tendo como ponto de partida os estudos sobre o contexto social, os personagens, a categoria social, quem teria interesse nas publicações, o grau de seu alcance, qual público seria beneficiado ou diretamente influenciável, para que a formalização do seu contexto histórico possa ser considerado verossímil, impactando e contribuindo com a pesquisa histórica e em História da Educação.

Os pontos relevantes, as incógnitas e os dados são constituídos de fragmentos que se bem elaborados e interpretados trarão para o pesquisador a possibilidade de um ponto de partida, a identificação da identidade de um grupo, uma categoria que poderá homogeneizar os valores, os princípios individuais e coletivos de toda uma geração.

Sem dúvida o manuseio dessa fonte é uma das maneiras de aproximação mais profícuas encontradas pelos historiadores da educação rumo aos séculos XIX/XX, um tempo em que os impressos ocuparam um papel capital no processo civilizador em curso no Brasil; um processo que buscou homogeneizar gostos, valores e comportamentos e que mirou não apenas o sujeito escolar, mas o sujeito posto no mundo: um sujeito em contato não apenas com um outro escolar, portanto, mas com um outro social, (CAMPOS, 2012, p.67)

4 Considerações Finais

Este estudo investigou a importância dos jornais, destacando seu potencial e relevância como recurso de pesquisa no contexto acadêmico, em especial na história em geral e na História da Educação em específico. Os autores aqui estudados revelam a necessidade de uma abordagem dinâmica já que os jornais são fontes de pesquisa expressivas e ricas em informação, devendo serem compreendidos enquanto fonte expressa e didática em diferentes aspectos decisivos de contextualização dos eventos passados, das políticas e acontecimentos sociais, que impactaram e colaboraram positivamente para o debate acadêmico. Portanto, Pasquini & Toledo (2014), Zanlorenzi (2010) e Campos (2012) pactuam de conceitos e argumentos de que os jornais são subsídios consideráveis no estabelecimento da fonte propositada nas pesquisas acadêmicas.

Em suma, os jornais subsidiaram a capacidade de olhar além do espaço público e doméstico, viabilizando a interação com o planeta, por meio da leitura de algumas poucas palavras que permitem a visibilidade e exposição do que é percebido aos olhos, do que é memória e do que é constituído com a união das informações e das perspectivas temporais.

Embora, possa trazer desconfiança, informações parciais e desconstruídas que precisaram de diferentes mecanismos para alcançar sua veracidade, torna-se um artifício capaz de estimular a criatividade, cruzar os continentes, incorporar culturas, conhecimentos e perspectivas, por intermédio de leitura e interpretação de suas publicações.

Conclui-se portanto, que é exequível examinar as publicações jornalísticas para se constituir um mecanismo inicial para pesquisar as políticas educacionais sancionadas mediante texto de lei, de uma determinada época, mediar olhares para os aspectos sociais que envolviam o público alvo das publicações, identificar os agrupamentos análogos que subjugavam a opinião da sociedade em razão de seus interesses, de manifestações contrárias ou não aos propósitos políticos vigentes, contribuindo para as diferentes fontes e categorias de pesquisas em História da Educação.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, R. D. de. (2012). No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, 12(1 [28]), 45-70. Recuperado de <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38775>. Acesso em: 8 jul. 2024.

PASQUINI, A. S.; TOLEDO, C. A. (2014). Historiografia da educação: a imprensa enquanto fonte de investigação. **Interfaces Científicas - Educação**, 2(3), 257-267. <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2014v2n3p257-267>. Acesso em: 10 jul. 2024.

SODRÉ, N. W. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

ZANLORENZI, C. M. P. História da educação, fontes e a imprensa. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 10, n. 40, p. 60-71, 2010. DOI: 10.20396/rho.v10i40.8639806. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639806>. Acesso em: 13 jul. 2024.